24 PRIMEIRO CADERNO Expresso, 24 de agosto de 2013
AÇORES

O mistério das pirâmides do Pico

Há estruturas piramidais na ilha do Pico que podem ter sido **construídas por uma civilização pré-portuguesa**

Anzóis, pontas de metal, ossos, conchas, pesos de redes de pesca, utensílios feitos de basalto, carvões, fragmentos de peças de cerâmica. Nuno Ribeiro e Anabela Joaquinito estão entusiasmados com a descoberta de depósitos de artefactos antigos — que tudo indica serem muito anteriores à data da descoberta dos Açores pelos portugueses (1427) — nas primeiras sondagens arqueológicas autorizadas pelo governo regional do arquipélago às misteriosas estruturas piramidais da Ilha do Pico.

As pirâmides estão quase todas concentradas numa área de 6 km² no concelho da Madalena, junto à costa oeste da ilha dominada pela montanha mais alta de Portugal (2351 metros). Os dois arqueólogos da Associação Portuguesa de Investigação Arqueológica (APIA), que estão a ser apoiados pela Câmara Municipal da Madalena, têm um vasto trabalho de prospeção pela frente: há dezenas de pirâmides, que chegam a atingir 13 metros de altura, o equivalente a um prédio de habitação de quatro andares. Mas para já estudaram 140, algumas destruídas ou parcialmente derrubadas por sismos ou pela ação humana.

A tradição baseada na memória popular e os poucos estudos etnográficos existentes indicam que "estas estruturas, conhecidas por maroiços, datam dos séculos XVII a XIX, justificando-se a sua construção pela necessidade da limpeza dos solos para a agricultura", explica Nuno Ribeiro. De facto, a palavra maroiço significa monte de pedras associado à limpeza de terrenos agrícolas.

Construções semelhantes no Mediterrâneo

Mas esta explicação não convence o presidente da APIA, porque "existem várias edificações com mais de dez metros de altura, seguindo a mesma orientação geográfica". E porque em todo o território português "não encontramos esta opção arquitetónica em mais nenhum local". Em contrapartida, "há paralelos arquitetónicos com regiões do Mediterrâneo — na ilha da Sicília junto ao Monte Etna, por exemplo".

Anabela Joaquinito conta que quando foram mostradas à população da Madalena fotos das construções da Sicília, "disseram que eram iguais aos maroiços". A arqueóloga que estudou a indústria lítica (tecnologia de trabalho da pedra) e é diretora do Departamento de Pré-História da APIA, sublinha que há outros indícios arquitetónicos da origem pré-portuguesa das pirâmides do Pico, como "a existência de degraus e a decoração com pináculos no topo". No topo de uma das construções estudadas foi também encontrado um piso circular que parece ser a base de uma habitação.

Uma das estruturas é um complexo arquitetónico (ver foto em cima à esquerda), que inclui edifícios piramidais organizados de forma a criar uma grande praça. "Esta organização do espaço não pode ser explicada apenas através da limpeza dos terrenos, pois terá envolvido um grande planeamento e um trabalho coletivo que demorou alguns anos a construir, seguindo sempre o mesmo projeto arquitetónico", argumenta Nuno Ribeiro.

"Mais espantoso é o facto de estas estruturas obedecerem às mesmas orientações das outras pirâmides, com aparentes motivações astronómicas e sugerindo rituais funerários", acrescenta o presidente da Associação Portuguesa de Investigação Arqueológica.

"Sinto-me no México"

"Sinto-me no México", garantiu Romeo Hristov, arqueólogo da Universidade do Texas em Austin (EUA), quando visitou os maroiços do Pico em abril passado. Hristov pertence à corrente académica que defende a existência de contactos regulares entre as antigas civilizações do Mediterrâneo e da América. "As estruturas do Pico são muito perfeitas, implicam uma enorme quantidade de trabalho que não se justifica apenas pelas necessidades da atividade agrícola", considera o arqueólogo. Por outro lado, "há uma orientação astronómica rigorosa, rampas de acesso e escadas associadas ao conceito de estrutura sagrada. E no complexo que liga vários edifícios encontram-se elementos comuns a pirâmides em todo o mundo, como uma praça ampla para cerimónias". Mas uma conclusão definitiva sobre a origem das estruturas "vai depender das escavações arqueológicas, que são fundamentais".

E também "das datações dos materiais encontrados que forem feitas em laboratório", esclarece Anabela Joaquinito. A arqueóloga explica que algumas das pirâmides têm câmaras no seu interior e uma delas foi objeto de sondagens arqueológicas. "A câmara é pequena e o corredor de acesso demasiado estreito e longo, não seria prática para quaisquer usos agrícolas".

Ricardo Freitas, arquiteto açoriano que acompanha as investigações, afirma que nos chamados maroiços "concorrem noções de ocupação do território díspares de qualquer tradição portuguesa". O presidente da Câmara da Madalena, por sua vez, salienta que "o envolvimento do município neste processo é norteado pelo forte empenho na defesa da verdade histórica e na necessidade de conhecer e preservar as raízes do nosso povo". Mas a prova definitiva da origem pré-portuguesa das pirâmides "terá de ser obtida através de uma datação clara e inequívoca dos materiais encontrados", insiste José António Soares. "Não queremos apagar a história açoriana mas sim acrescentar algo à história já conhecida e, se possível, enriquecê-la com os novos dados disponíveis".

VIRGÍLIO AZEVEDO
vazevedo@expresso.impresa.pt

Complexo com praça cerimonial (à esquerda) e duas das muitas pirâmides estudadas pelos arqueólogos (à direita e em baixo)

MAROIÇOS DO PICO

140

estruturas piramidais da ilha do Pico, designadas localmente por maroiços, foram estudadas por arqueólogos da Associação Portuguesa de Investigação Arqueológica (APIA)

13

metros é a altura que atingem algumas destas pirâmides, o que equivale à altura de um prédio de quatro andares. Foram todas construídas com pedras basálticas de origem vulcânica conhecidas por biscoitos e concentram-se no concelho da Madalena

QUATRO PERGUNTAS A

Fernando Pimenta

Diretor do Departamento de Arqueoastronomia da Associação Portuguesa de Investigação Arqueológica (APIA)

O que lhe chamou mais a atenção nas pirâmides do Pico?
O que mais me impressionou foi a regularidade da sua orientação, embora acredite que nem todas foram construídas na mesma época. Esta regularidade é evidente no mapa com a sua localização feito pela Câmara da Madalena do Pico.

Mas qual é essa orientação?
Usei ferramentas de informação geográfica nesta primeira investigação e concluí que a maioria das pirâmides está orientada no sentido sudeste/noroeste. Sudeste é a direção do vulcão da ilha do Pico e noroeste corresponde ao ocaso do sol no solstício de verão, que acontece sobre a ilha do Faial, muito próxima do Pico. As restantes pirâmides têm uma orientação perpendicular às primeiras. Mas será necessário fazer um estudo mais aprofundado, com um modelo digital do terreno de maior resolução.

Portanto, há intencionalidade na arquitetura das estruturas.
Sim, parece ser intencional — e não apenas uma coincidência — a orientação geográfica das construções e a escolha do local para a sua implantação. Uma concentração tão grande de pirâmides num intervalo tão pequeno de azimutes (o azimute é a medida regular do horizonte contada a partir do norte geográfico) e com esta regularidade, significa que há intencionalidade, mas claro que esta conclusão não é tão definitiva, do ponto de vista estatístico, como seria se as estruturas estivessem espalhadas por toda a ilha e não apenas concentradas numa pequena área do concelho da Madalena.

E quanto ao seu eventual significado religioso?
As regras de orientação parecem obedecer a princípios que incorporavam algum ritual relacionado com o solstício de verão.

FOTOS: ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA

Os maroiços, que caraterizam a paisagem local, sobretudo a noroeste do imponente cone vulcânico da Ilha do Pico estão a ser alvo de uma investigação arqueológica, que tem despertado a curiosidade de cientistas nos mais diversos pontos do globo e dos media. O Jornal “Expresso” dedicou uma das suas páginas a este projeto da Câmara Municipal da Madalena, que tem sido noticiado amplamente.

Com paralelos noutros pontos do globo, os Maroiços prometem seduzir até mesmo os mais

céticos, num arquipélago com reminiscências lendárias - qual Atlântida perdida - onde a fantasia e a história se entrelaçam de forma tão intensa, que se torna difícil descortinar onde começa a ciência e acaba o mito.